O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

27.° Anno — XXVII Volume — N.° 922

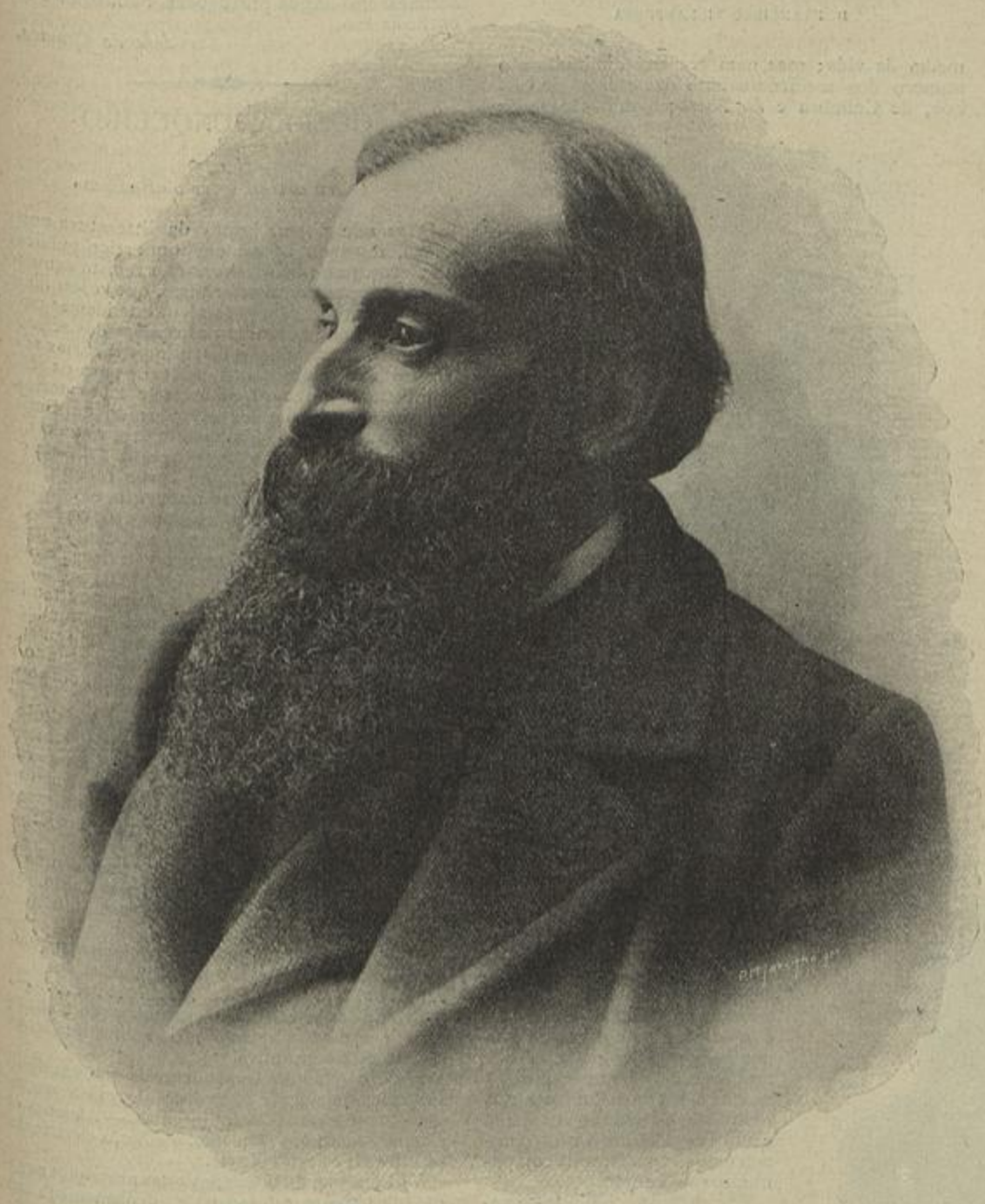
10 DE AGOSTO DE 1904

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



GUERRA JUNQUEIRO

Chronica Occidental

Estamos no mez das ferias. Tudo descança ou vae descançar. Descançam finalmente os rapazes, e, merecendo-o ás vezes muito mais do que elles, as familias; descançam os tribunaes e até descança a politica.

D'aqui até 29 de setembro, dia em que hão de abrir as côrtes, pouco de politica se tratará: um pouco de caminhos de ferro, um pouco mais de phosphoros e de tabacos, ou, para melhor dizer, de tabacos já sem phosphoros.

A politica externa fornece melhores assumptos, sobretudo a Russia em seus combates contra os japonezes, e a França em suas relações com o Vaticano.

Cá pela terra, o calor invadiu tudo. Tardou, mas nem por isso deixou de vir abrasador. Parece querer recuperar o tempo perdido. Não tardarão as queixas dos lavradores, porque lhes queima as vinhas. Já desgostosos elles parecem com a licença para introducção do alcool, e segundo, se diz, com razão. Se o anno lhes promette uma má colheita ainda por cima, não faltarão queixas por toda a parte, com razão ou sem ella.

Estes ultimos dias teem sido realmente insupportaveis e só andarão contentes os limonadeiros, a quem trinta graus á sombra promettem uma sorte grande.

Só dois theatros em Lisboa arrostam contra a columna thermometrica, sendo-lhes indifferente o ponto fóra das marcas a que sóbe o mercurio.

E a elles e a uma ou outra toirada eis a que estão resumidos os divertimentos da capital, para os que não se acham dispostos para um passeio mais longe, até á feira do Campo Grande.

Ha dias, entreteve-se Lisboa a observar os pulos d'um pobre louco, que, tendo vindo a Lisboa para tratar-se, fugiu de casa, na rua Saraiva de Carvalho, entrou no cemiterio dos Prazeres, saltou o muro, veiu até ao Chiado, saltou d'um pulo as escadas do largo de S. Carlos e foi finalmente agarrado e levado para o Governo Civil.

Ora corre, ora anda de gatas. Entrou n'um dos elevadores da Estrella e sahiu d'elle por uma janella. Quando lhe não dão d'aquellas furias, parece no que diz ajuizado; quando vai n'ellas, morde quem apanha.

E' uma loucura singular, e não admira que lá na aldeia o cuidassem lobishomem, pois que, até em Lisboa, a familia d'elle recebeu cartas recommendando-lhe feiticeiros e mulheres de virtude.

Entretanto, os entendidos no assumpto devem ter opinião muito differente e vamos explicar porquê: Os lobishomens só andam correndo leguas de noite confórme o seu destino; essa noite ha de ser de sexta feira; antes de se pôrem a caminho, despem o fato, tanto que se alguem lhes quer quebrar o encanto, basta que lhes vire o casaco do avêsso. E' este o melhor dos remedios, ou então fazer-lhes sangue, a tiro ou á navalha.

Isto quanto á sciencia especial e pratica que trata de bruxarias; da outra dirá o dr. Bombarda, visto que o desgraçado foi mandado para Rilhafolles.

A passagem d'um lobishomem atravez das ruas de Lisboa traria a muitos lembranças de aldeia, de campo, de vinhas e de pinhaes, por onde corre agora mais fresca a viração da noite. E que esplendidas noites tem havido! Lá virá breve o luar de agosto, ainda mais lindo que o de janeiro, se verdadeiro é o dictado.

Para o campo tem sahido meia Lisboa. Uns dias apenas que se passeie por entre as vinhas verdes, e se oiça sussurar uns choupos, e se oiça uma cantiga ao luar n'uma eira, e ao longe umas rãs

cantando e uns rallos, visto que, por má sorte, já se calou o rouxinol, uns dias que se respire um ar novo mais perfumado que o da cidade, logo parece que o sangue corre nas veias mais vivo, que tem misterioso balsamo o ar que nos lava os pulmões.

Uns dias que passei em Coimbra, na matta de Santa Cruz e no Jardim Botanico deliciei-me nas sombras, encantei-me com um pôr do sol, á beira do Mondego, sob os afamados choupos.

De lá traria recordações suavissimas, se não fôra a tragica morte d'um illustre professor da Universidade, com quem poucas horas antes estivera a conversar, nem um vislumbre suspeitando da tentação que já talvez n'esse momento lhe andava ennegrecendo o espirito.

Muitas anedoctas se contaram de Rocha Peixoto, algumas absolutamente falsas, outras que lhe foram mal attribuidas. Desmentidas foram depois. Quem melhor conheceu o infeliz professor contou em alguns jornaes sua bondade para com todos os seus alumnos e sua clemencia nos exames.

Outro professor, o commendador Alvares Pereira, general de divisão e director do Instituto Agricola, tambem, um d'estes dias, falleceu em sua casa de Azambuja, deixando fundas saudades em quantos o conheceram. Por muitos annos professor na Escola do Exercito e do Instituto, e examinador no Lyceu, quem frequentou estes estabelecimentos nos ultimos quarenta annos conheceu-o bem e decerto com verdadeiro sentimento leu a noticia da sua morte. Descança em paz finalmente depois de uma longa vida de trabalho honrado.

E já que a nossa má ventura quer que sempre tenhamos que falar de mortos, não deixemos de mencionar o susto de Lisboa ao saber das doenças suspeitas em quatro passageiros chegados do Brazil. Averiguou-se afinal, pela analyse das visceras d'um unico fallecido, que a doença não tinha gravidade sob o ponto de vista de contagiosa. A inspecção dos serviços sanitarios enviou aos guardas-móres de saude do reino e delegados o seguinte telegramma tranquillisador: «Tendo entrado no hospital de S. José quatro sezonaticos chegados de Manáus no vapor *Cyril*, que o medico de inspecção julgou suspeitos de febre amarella, notifico a V. Ex.ª que os exames clinico e laboratorial asseguraram que effectivamente se tratava de casos de malaria, conforme a declaração do medico de bordo e o diagnostico do guarda-mór de saude, que concedeu a livre pratica, na conformidade do actual regulamento de saude.»

Os tres doentes, que se acham em tratamento no hospital de Arroyos, teem experimentado lentas melhoras.

Os progressos indiscutiveis da medicina, estes ultimos annos, augmentaram muito a extensão

D. FRANCISCO VILLAESPESA

media da vida; mas nem por isso diminuiram o numero dos medicos sahido das escolas de Lisboa, de Coimbra e do Porto; algumas dezenas

D. FILIPPE TRIGO

agora receberam diploma. Entre elles não devemos deixar aqui de mencionar o nome de uma distincta collaboradora do OCCIDENTE, sr.ª D. Domitilla de Carvalho, já formada em philosophia, e que obteve a maior distincção no curso agora terminado, sendo a primeira premiada na Universidade de Coimbra. Glorioso se apresenta o futuro a quem muito o merece por sua muita intelligencia e capacidade de trabalho.

Na Suissa são hoje tão vulgares as mulheres dedicando-se á medicina que é maior nas universidades o numero das mulheres estudantas que o dos homens. Ha quasi novecentas raparigas estudando medicina e não chega a oitocentos o numero dos rapazes, seus companheiros de estudo.

Por um lado, combate-se valentemente a morte, por outro, ha quem enriqueça inventando novos explosivos e engenhos de guerra. Os ultimos telegrammas chegados do Oriente, falam-nos outra vez em terriveis carnificinas.

Tambem Portugal não descança. Agora é o gentio do Oio que tem de ser castigado.

As cheias do Cunene impedem por emquanto a marcha da columna, motivo porque as operações só começarão para

DR. D. DOMITILLA DE CARVALHO

setembro. O chefe será o governador da Huilla, capitão de engenheria, Aguiar. Comporão a columna uns cincoenta e tres officiaes e proximamente mil e oitocentas praças.

Estamos costumados ás noticias de victorias, nem sequer nos costuma affligir uma duvida n'estes assumptos.

O verão pode continuar deslisando serenamente. Nenhum temor nos virá perturbar a sesta.

O balão subiu pela ultima vez, que irá Lisboa fazer agora?

E foi n'um tempo assim semsabor que tres hespanhoes illustres, a quem damos as boas vindas, se lembraram de visitar a nossa capital, melancolisada pela falta de movimento. São elles o poeta e fino artista, D. Francisco Villaespesa, o romancista e critico D. Filippe Trigo, e o redactor do *Heraldo*, D. Luiz Morote. São tres amigos de Portugal que saudamos com jubilo.

Tambem do Brazil um excellente jornalista veiu a Portugal, Eduardo Salamonde, director principal do *Paiz*, um dos primeiros jornaes do Rio de Janeiro. Depois de curta demora em Lisboa, onde foi recebido com a homenagem que merece, o illustre jornalista partiu para o Gerez.

Breve deve chegar a Lisboa Coelho Netto, o auctor do *Sertão*, um dos primeiros prosadores actuaes em lingua portugueza. Saudamol-o com enthusiasmo.

João da Camara.

GUERRA JUNQUEIRO

O seu artigo sobre o «Radium»

O grande poeta, honra da litteratura portugueza, mostrou agora, em um artigo publicado na *Revue*, periodico francez que regista semanalmente o movimento scientifico, que o seu illuminado espirito irradia para alem dos ideaes poeticos e pretende penetrar nas regiões das sciencias positivas, aventando e discutindo theorias sobre pontos ainda um tanto obscuros para os sabios que estudam em seus gabinetes e laboratorios.

Esse artigo, que fez certo ruido em Paris, o que significa uma conquista n'esse mundo onde se debatem diariamente as questões d'Arte e de Sciencia, é sobre o *Radium* corpo recentemente descoberto e que n'este momento é objecto de numerosas questões, sobre suas propriedades as quaes, á maneira que se vão estudando, parece tornarem-se cada vez mais mysteriosas e impenetraveis.

Ao auctor de *Os Simples* despertou tambem interesse a questão, e querendo profundar os mysterios da natureza, estudou e pôz seu superior talento ao serviço da sciencia, emittindo sua opinião sobre o extranho e descutido corpo que ora preocupa os maiores sabios.

O Radium e a radiação universal é o titulo do artigo de Guerra Junqueiro, que de boa mente aqui transcreveriamos na integra se os limites d'esta revista o permitissem, mas, para que de alguma maneira fique registado, limitamo-nos em extrair os topicos principaes da sua theoria:

I) Todos os seres reproduzem e resumen no seu organismo, a historia inteira da sua evolução, desde o atomo primordial á substancia ou forma ultimamente adquirida.

II) O acto primordial não evolucionou em si proprio independente dos outros atomos.

.....

III) Em cada corpo, os elementos são tanto mais fixos e solidarios quanto mais nobres ou elevados, são, na escala evolutiva.

IV) No reino dos imponderaveis que vae desde a substancia inicial até ao hydrogenio, existe um certo numero de especies desconhecidas. — Algumas chamam-se, confusa, vagamente, o ether, a electricidade, os raios N, os raios X, etc.

V) Uma vez, estabelecidos estes principios a radiação de todas as substancias é um phenomeno logico e natural.

.....

VI) Visto que as inergiaes primordiaes de todos os corpos da natureza são identicas (ou quasi identicas) as suas radioactividades deveriam tambem sel-o, se o não são, é porque as numerosas energias ou especies imponderaveis se conjugam diversamante entre si, corpos os absorvem em quantidades e agrupamentos diversos, o gráu de fixides de cada uma, varia de um organismo ao outro, de modo que as radiações, posto que semelhantes, differem, segundo a natureza dos corpos e segundo o seu estado de equilibrio.

.....

VII) A radiação depende em cada corpo, do gráu e natureza da sua actividade funccional.

.....

VIII) O *radium* emitte emanação e radiação.

.....

A emanação transforma-se em radiação, se encontra obstaculo. As radiações mais penetrantes são as primeiras a desapparecer.

E' no momento em que se fez a dissolução que a emanação augmenta; depois, ao ar livre, perde rapidamente a sua actividade, até que se torna de um valor mais fraco que o valor inicial.

.....

Do que o sr. Debierne, e M.me Curie descrevem nos annaes da Physica e chronica, conclue Guerra Junqueiro!

O *radium* produz sempre a mesma quantidade de energia.

Se essa energia cresce, é porque ha accumulação; se descresce, é porque se escapa.

.....

Um sal radifero, acabado de seccar emitte a mesma quantidade de emanação e cinco vezes menos radiação do que secco, passado um mez.

.....

Se deixar escapar emanação no valor de 10, quando não secco, desenvolveria essa emanação, n'um valor mais elevado se a contivesse. Mas o dispendio é o mesmo, por consequencia, o *radium* acabado de seciar não accumula emanação.

Deveria exteriorisal-a em maior quantidade. Se a não exteriorisa, é porque a não contem. E se a radiação global augmentou no *radium* crystallisado ha já um mez, é porque a producção augmentou.

.....

O *radium* solido e bem secco apparece-nos na sua plenitude funccional, na sua actividade organisadora continua e constante.

A radiação é invariavel. Ha equilibrio entre o ganho e a perda entre os elementos que se dispersam e os conquistados. Logo que se dissolve o *radium*, desagrega-se o crystal. Nos primeiros momentos da desassociação a radioactividade augmenta, o dispendio é mais forte, mas breve se encontra em decrescimento até quasi parar.

.....

Radium crystallisado bem secco, em actividade positiva, organisadora — radiação abundante a principio, mas que breve diminue até se extinguir quasi completamente. Se, no entanto, se crystalisa de novo, a radiação eleva-se e attingirá o ultimo limite no momento em que o *radium* encontre o seu equilibrio normal.

Se aquecem o *radium*, identicos effeitos se reproduzem.

.....

Supponhamos que o *radium* solido desenvolve emanação formada de tres elementos A 1, A 2, A 3 — Cada um d'esses elementos, desagregando-se, produsem consecutivamente os raios *alpha*, *beta e gamma*

Quando a actividade do *radium* diminue quando é dissolvido ou aquecido, a emanação deixa de conter, em primeiro o logar o elemento A 3, e ao cabo de algumas horas, o elemento A 2— De modo que a producção dos raios mais penetrantes corresponde ao maximo de actividade do sal radifero, e quando este diminue são logicamente os primeiros a desapparecer.

.....

.....

IX) Os corpos mais radio-activos são os que possuem o pezo atomico mais elevado.

Supponhamos o *radium* em crise de evolução quando um novo elemento se conjuga e adpta-se á sua estructura.

.....

Se n'este momento tirarmos o *radium* do meio proprio e favoravel em que evoluciona para o collocar n'outro?

.....

A influencia do meio, as forças ambientes tendem a desassociar-se, mas resiste, oppondo á força desorganisadora, uma maior força de cohesão. A actividade do corpo exacerba-se, exalta-se e com ella, a evasão radioactiva, que persiste indifinidamente, porque o organismo se regenera sem cessar — Este estado pode durar muito tempo, indefinidamente, mas nunca ser perpetuo ou invariavel—A energia dissolvente do meio triumphará da energia da cohesão do *radium*, portanto esta vencerá aquella.

.....

Temos, então, pode assim dizer-se, um *foectus* mineral que desenvolve uma energia extraordinaria para completar ou conservar, pelo menos, o grau de vida que attingiu.

.....

É assim que se explica na minha hypothese, a sobrevivencia do *radium* fóra do meio ou matriz em que se gerou.

.....

Existe, portanto, um elemento perturbador no edificio atomico do *radium* que o obriga a um augmento de actividade para conservar o gráu já alcançado da sua evolução — Será o *helium*? Talvez.

As notaveis descobertas do sr. Ramsay e Saddy e uma bella e recente experiencia dos srs. Dewar e Curie, assim o parecem demonstrar,

.....

A Sciencia continua investigando.

Guerra Junqueiro ligou assim seu nome a esta questão, que não se póde calcular a que conclusões chegará.

E' mais uma gloria para o poeta e philosopho, filho d'este risonho paiz da luz.

Antonio A. d'Oliveira Machado.

PO

Ao Senhor Dr. Eduardo Alves de Sá

Vimos ao mundo involuntariamente,
Choramos desde a infancia mal defeza,
Crescemos entre lidas e tristeza,
—Que a alegria é condão de pouca gente.

Por esta vida, feita de incerteza,
Que nos conturba muita vez a mente,
Seguimos, descuidosos do presente,
Julgando força a nossa vil fraqueza.

Ao profundar a vida, e mesmo além!
Vaidosamente a idea se abalança,
Comtudo, conseguir *saber*... ninguem...

Não pára o pensamento, não se cansa,
Na vã pesquisa de illusorio bem...
Mas, ao menos, tambem a morte avança.

Santa Cruz Magalhães.

Nossa Senhora da Abbadia

No proximo dia 15 do corrente celebra-se mais uma vez a concorrida romaria de Nossa Senhora da Abbadia, na freguezia de Bouro, concelho de Amares.

No sitio da Abbadia, em um reconcavo solitario e ermo, acha-se erecto o templo de Nossa Senhora, com invocação d'aquelle nome. Fica n'uma altitude superior a 400 metros, entre pedregosos e invios montes, superiores á de 600, com excepção, porém, do lado poente, fronteiro ao templo, pois que d'aqui, n'uma rôta aberta, desliza aos olhos do observador um horizonte vastissimo, d'uma extensão até ao Oceano.

O *touriste* que, chegando a Bouro, emprehende a formosa ideia de visitar aquella pittoresca estancia, ao principiar a sua ascensão, crê ir encontrar na crista do monte uma simples capella de vulgar architectura; porém, a sua espectativa é indizivel ao chegar ali, vendo deparar-se-lhe, n'um recinto circuitado por alcantilados ribeiros, um magestoso e impavido templo de duas naves, sustentado por elegantes columnas salomonicas. Os azulejos que revestem a grande varanda do mosteiro contiguo a Nossa Senhora da Abbadia são trabalho do mesmo artista que pintou os do claustro da egreja de Nossa Senhora da Penha de França, n'esta capital. São polychromos, de desenho largo, magnifico vidro e lindas côres.

A historia marca a apparição da venerada imagem, positivamente, antes de 1107.

Na capella de S Miguel, erecta no pincaro do monte ao flanco esquerdo, vivia, solitario, um monge de nome Lourenço, e D. Pelayo Amado, descendente de Egas Moniz, homem da côrte, tendo soffrido varios golpes, entre elles o da perda de uma esposa amada D. Munia, dama de D. Thereza, abandonou, ainda novo, a vida buliçosa da côrte e foi fazer companhia ao eremita Lourenço.

D. Pelayo, quando uma noite fóra do seu refugio, em meditação, viu, no fundo do monte no local onde hoje, pouco mais ou menos, se ergue o templo, como que uma luz celestial, sahindo da terra! Communicou o facto ao companheiro, e, ambos, na manhã seguinte, se apressaram em descer a collina e procurar descobrir no ponto fixado, o que de extraordinario ali havia. Então, depararam com a imagem de Nossa Senhora, escondida debaixo d'uma lapa. N'aquelle sitio, por suas proprias mãos e esforços, construiram uma capella, que, principiando a ser assáz frequentada por grande numero de crentes, se tornou muito conhecida, mandando um arcebispo de Braga construir um templo dos monges bentos, fornecendo este alfayas e ornamentos. Essa fabrica, o verme do tempo derruio-a completamente, não existindo, sequer, vestigios de ruinas.

D. Affonso Henriques, que o visitou, demoveu os monges a mudarem de sitio e a estabelecerem-se, em baixo, em Bouro, no mosteiro por elle construido e a que tomassem o habito de S. Bernardo.

A romaria annual a Nossa Senhora da Aabbadia, uma das primeiras do Minho, effectua-se em agosto, tendo o seu principio em 10 e terminando em 15.

E' extraordinaria a sua concorrencia e maravilhoso o effeito dos ranchos que se cruzam, uns no sentido ascendente e outros no descendente, cantando, dançando, durante aquelles dias e noites n'um folguedo juvenil.

E' um quadro phantastico vêr pelos zig-zags dos caminhos, nos outeiros proximos alguns milhares de pessoas, em linha, trepando a serra, vestidas das mais brilhantes côres dos trajos tão caracteristicos dos minhotos.

A' alegria nativa das lavradeiras junta-se a dos rapazes dos logares.

Ha poucos annos apurou-se que tinham assistido 25:000 pessoas á missa que na madrugada de dia 16 se celebra no altar exterior da egreja.

Durante os dias da romaria, a que accorrem familias completas, algumas vindas até do Brazil, povoam-se de fieis o vasto terreiro e outeiros proximos. Exhibem-se então lindos e vistosos fogos de artificio, em que são habilissimos os fogueteiros minhotos; e nos arvoredos ás illuminações são deslumbrantes.

Cabem muitos louvores á mesa administrativa da respectiva confraria, que tanto tem cuidado do templo e do esplendor das festividades. Entre os benemeritos e devotos que mais teem concorrido para o brilhantismo d'esta celebração deve-se destacacar o actual juiz da confraria, ex.mo sr. José Antonio Gonçalves, opulento proprietario em Caldellas, um distincto cavalheiro, a quem os povos d'aquella região prestam a maior homenagem pela sua bondade e benemerencia.

Corridas «Rally-paper» em Cintra

No dia 6 do corrente, com uma concorrencia superior a 3:000 pessoas, realisou-se nos Campos das Arrotheas, proximo de Cintra as corridas *Rally-paper*, na presença de SS. MM. as Rainhas Senhora D. Amelia e D. Maria Pia, SS. AA. o Principe Real e Infantes D. Manuel e D. Affonso, chegando Sua Magestade El-rei D. Carlos, em automovel, a meio das corridas, entre a primeira e a segunda parte.

As 4 horas e cinco minutos da tarde foi dado o signal pelo juiz da partida sr. Jorge de Mello, para principio das corridas.

1.ª parte—*Rally-paper*.—Tomaram parte n'elle os srs. D. Rodrigo Correia Seisal, Jorge de Mello (Sabugosa), Barão de Fallon, ministro da Belgica, barão de Lagó, secretario da America, tenente Reis, alferes Correia, Vasco Jardim (Valenças), conde de Seisal, Jorge Blek, padre Anão, capellão de lanceiros 2, alferes Nazareth e alferes Callado.

Chegou á pista primeiramente Jorge Bleck e em seguida padre Anão.

2.ª parte—*Cross-country*.—Inscreveram-se os seguintes cavalleiros: srs. Guilherme Bleck, alferes Correia, alferes Callado, barão de Fallon, alferes Nazareth, padre Anão, Jorge Bleck, e tenente Reis.

Chegou á pista em 1.º logar o alferes Nazareth e em 2.º o alferes Callado.

Depois seguiu-se uma corrida em burros, ganhando o menino Jorge, filho do sr. Jorge de Mello.

Terminada a corrida, procedeu-se á distribuição dos premios, feita por S. M. a Rainha Senhora D. Amelia.

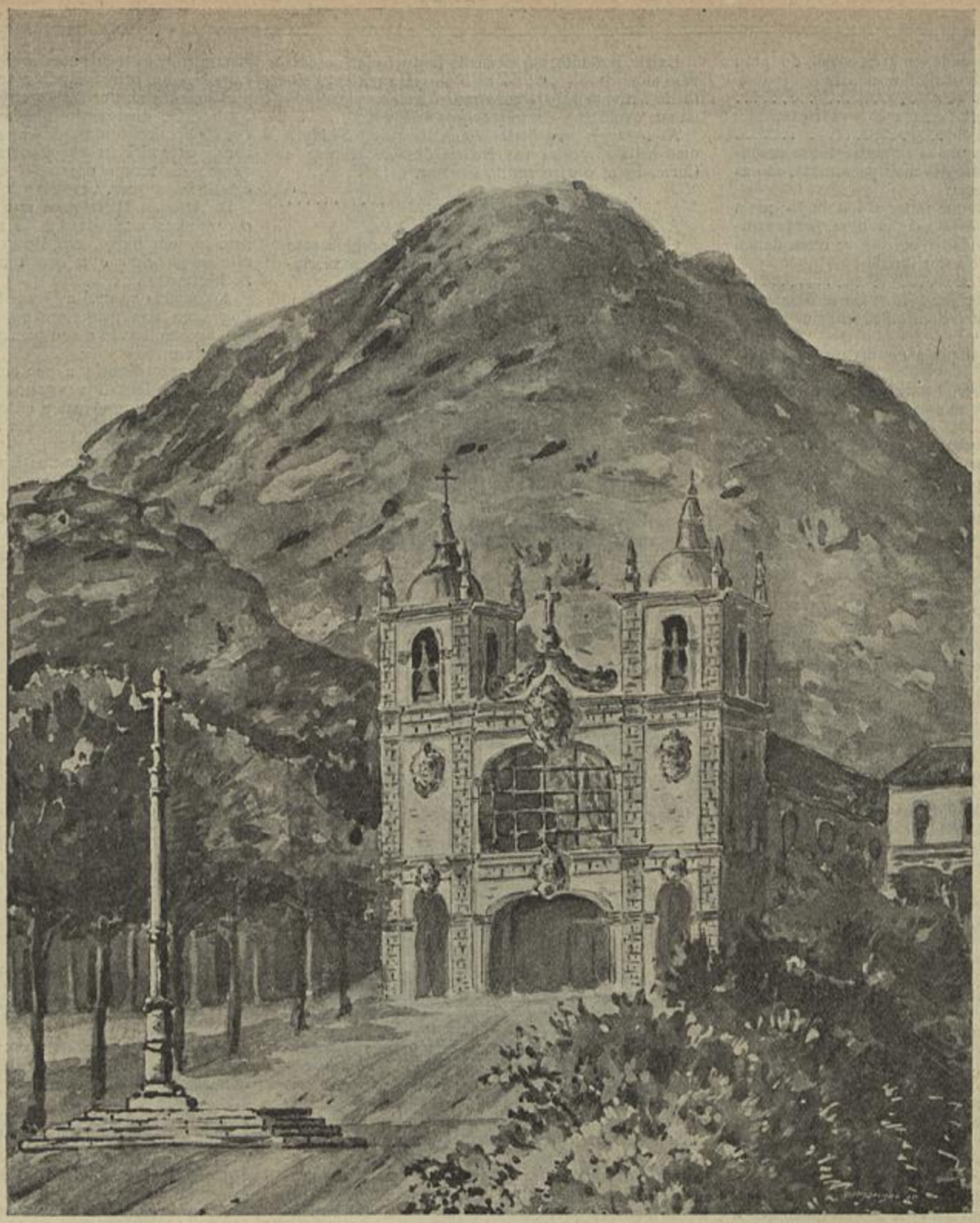
Ao sr. Jorge Bleck foi conferido, no *rally-paper*, o premio que constava de uma cigarreira e phosphoreira de prata com esmeraldas, offerta de sua Alteza o Principe Real.

Ao sr. alferes Nazareth, no *cross-country*, um relogio com musica, offerta do sr. D. Jorge de Mello.

Ao menino Jorge de Mello, nas corridas em burros, uma bonita lapiseira de ouro, offerecida pelo sr. conde de Figueiró.

Eram 5 horas e 45 minutos, quando retirou a familia real.

O sr. conde de Figueiró era o juiz das chegadas.



TEMPLO DE NOSSA SENHORA DA ABBADIA, NO BOURO

ANTES DA PARTIDA DOS CAVALLEIROS — O SR. CONDE DE FIGUEIRÓ DANDO AS SUAS INSTRUCÇÕES

O SR. ALFERES NAZARETH MOSTRANDO O CAVALLO VENCEDOR A S. A. O INFANTE D. AFFONSO

CORRIDAS «*RALLY-PAPER*», EM CINTRA

(Instantaneos do sr. Benoliel)

COMBES — *Ministro dos cultos*

CARDEAL MERRY DEL VAL — *Secretario do Estado Pontificio*

MONSENHOR GEAY — *Bispo de Dijon*

MONSENHOR NORDEZ — *Bispo de Laval*

O Conflicto entre a França e o Vaticano

Está resolvida definitivamente a ruptura de relações entre o Estado Francez e a Santa Sé.

O conflicto franco-romano teve a solução que todos previram, dadas as condições tensas a que a diplomacia o havia conduzido, e quem sabe até onde elle irá, prevendo-se que a separação da Egreja do Estado francez é já inevitavel.

Com a abertura das camaras em outubro coincidirá a discussão do relatorio apresentado na sessão transacta pelo sr. Briam, em nome da commissão da separação das Egrejas e do Estado, que só falta ser dada para ordem do dia.

O resto dependerá do parlamento francez.

Recapitulemos agora a origem do conflicto.

O presidente da Republica franceza, sr. Emilio Loubet, visitou em Roma o rei Victor Manuel III e isso motivou uma circular de protesto enviada ás potencias pelo secretario de Estado de Pio X, o cardeal Merry del Val, o qual deu causa á sahida de Roma do sr. Nisard, ministro da França junto do Vaticano.

M. NISARD — *Embaixador de França junto do Vaticano*

Dias depois, e em resposta a esta resolução do governo francez, diversos bispos da Republica receberam ordem de enviar a sua demissão para Roma, porem tendo consultado o ministro dos cultos sr. Combes, seu chefe hierarchico, foram por este mandados conservar nas suas dioceses, pois que funccionarios do Estado não podiam resolver este assumpto sem prévio assentimento do governo.

Dado conhecimento do incidente ao presidente do conselho de ministros, reuniu o ministerio, resolvendo este enviar ao Vaticano uma nota energica, lembrando-lhe que os bispos saídos da vontade collectiva da Egreja e do Estado, não podiam ser demittidos senão por accordo d'estas duas vontades, segundo a propria doutrina da Concordata, e nenhum aviso respeitante á administração ecclesiastica podia ser enviado do Vaticano a um bispo francez sem passar pelo minis-

O CONFLICTO ENTRE A FRANÇA E O VATICANO

tro dos negocios estrangeiros e pelo ministro dos cultos.

Voltou a intimação aos bispos a repetir-se mas d'esta vez só a monsenhor Geay, bispo de Dijon e monsenhor Nordez, bispo de Laval em cartas escriptas pelo cardeal Merry del Val e pelo cardeal Vanutelli, sendo a carta ao bispo de Dijon dirigida directamente pelo nuncio em Paris sr. Lorenzelli, e n'ella monsenhor Nordez convidado por ordem do Papa a abster-se de preencher certas funcções do seu ministerio, privando-o de proceder a ordenações na sua diocese.

Pela sua parte o bispo de Laval era intimado a estar no dia 20 em Roma, sob pena de ser immediatamente privado dos seus poderes episcopaes.

Os bispos dirigiram-se immediatamente ao sr. Combes que lhes intimou a ordem de não sahirem de França sob que pretexto fosse, dirigindo o sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros de França outra nota ao Vaticano, pedindo a retirada sem reservas das cartas comminatorias, sob pena de rutura immediata das relações diplomaticas.

N'este meio tempo um redactor do *Temps* que fôra á nunciatura informar-se das intenções do sr. Lorenzelli em vista da nota expedida pelo governo francez, recebia em resposta que «como o Vaticano não tem por costume responder ás provocações, a eventualidade da sua proxima sahida de Paris não podia ser encarada »

Esta resposta do nuncio produziu grande sensação no partido liberal que aconselhou o governo pela sua imprensa a mandar sair o nuncio de Paris immediatamente, tomando as cousas um tal caracter que o sr. Lorenzelli viu-se na colisão de declarar «que nunca tinha qualificado de *provocação* o chamamento do sr. Nisard, que era o exercicio de um direito, de maneira alguma contestado, do governo francez. E que a palavra *provocação* de que se servira, visava exclusivamente ás diversas suggestões que se accentuavam desde alguns dias em certos jornaes e cujo objectivo parecia ser de dictar a Roma a sua linha de conducta e de provocar assim o chamamento do nuncio como medida parallela que a Santa Sé teria de tomar para a salvaguarda da sua dignidade.»

Decorrido o prazo marcado pelo governo francez, sem que o Vaticano tivesse correspondido ao que a França lhe havia pedido na ultima nota do sr. Delcassé, reuniu de novo o conselho de ministros que votou a ruptura definitiva do Estado francez com a Curia romana, sendo d'esta resolução expedida uma nota telegraphica ao representante da França junto do Vaticano afim de a communicar ao secretario de Estado do Papa, ordenando-se em seguida a retirada do pessoal da embaixada franceza, ao mesmo tempo que eram entregues os passaportes ao nuncio em Paris.

No dia 30 Monsenhor Lourenzelli tomava o expresso das dez e meia da noite para Roma, terminando assim a primeira parte d'um conflicto de que se pode bem dizer que ainda agora vão começando a surgir os effeitos.

.....

Já agora não terminaremos esta resenha sem deixar aqui consignada uma opinião de um alto funccionario pontificio manifestada a um correspondente em Roma do *Matin* de Paris.

«As ameaças de ruptura da Concordata não produzem effeito algum no espirito de Pio X, que esperava essa ruptura e está de ha muito preparado para ella; é sua opinião que se a Concordata é para o governo francez um meio de subjugar a egreja, não ha motivo para lamentar a sua abolição; por isso é provavel, segundo a opinião geral no Vaticano, que, á primeira notificação official do *ultimatum*, o nuncio voltará a Roma, sem esperar os seus passaportes; parece que esta deliberação foi tomada, ha alguns dias, em conselho presidido pelo Papa.

O Vaticano publicará então, para se justificar, um *memorandum* a que dará larga publicidade e em que appellará para a opinião publica.»

Quem se engana o tempo nol-o dirá.

Atravez do Reino Unido

Notas de viagem — por Ladislau Batalha — Lisboa 1904

Não foi por que o sr. Ladislau Batalha se nos deparasse como um desconhecido no nosso meio litterario, nem por o considerarmos um escriptor de somenos valor, que a apparição do seu novo livro nos surprehendeu; a nossa surpreza proveio de vermos que n'elle pulsa ainda o mesmo coração dos vinte annos e o mesmo vigor e enthusiasmo lhe inspira e conduz a penna, que elle maneja em serviço de intuitos de bom patriota, de bello observador e grande amigo da sua terra.

LADISLAU BATALHA

Atravez do Reino Unido não são apenas impressões de viagem como intitula o seu auctor, são criticas são estudos são comparações com os nossos usos, costumes e desleixos, em que os governos de Portugal, em muitos casos, poderiam aproveitar as lições para obterem receita para o thesouro publico, sem estarem a vexar mais o contribuinte.

E' um livro de estudo e estudo proveitoso, e esta nossa opinião não é isolada, porque uma auctoridade nas lettras, o sr. dr. Xavier da Cunha, dig.mo director da Biblioteca Nacional, escrevendo sobre o livro de Ladislau Batalha, qualifica-o *um trabalho de notavel ensinamento, pois que nas curiosas informações de que vem repleto muito ha que aprender.*

Ladislau Batalha como homem pratico e costumado á composição de livros de estudo e ao exercicio da pedagogia, quiz fazer um trabalho que se não limitasse a contar por desafogo de vaidade, onde tinha ido, o que tinha visto, se gastara muito ou pouco e se tinha aproveitado com intelligencia o tempo consumido na viagem, fez mais, fez um livro util, em que escalpelando a psicologia do povo, inglez, dando noções exactas da vida d'esse povo prestou proveitoso serviço aos que precisem conhecel-o moral, social até commercialmente

A descripção de Londres, sobre tudo, figura-se-nos ser um trabalho completo, não só por nos edentificar com os custumes e usos do povo londrino, mas por nos dar a conhecer todas as phases em que esse povo póde ser apreciado. Não esquece de se referir á sua bella organisação policial, aos comicios, ao luxo e amor ás commodidades, á actividade britannica, á liberdade que ali se disfructa, á maneira como ali se respeita a mulher, como esta é um auxiliar prestante á familia e tem uma educação e orientação que a tornam ciosa da sua independencia, mas digna e credora da estima publica pela sua seriedade e honestidade.

De permeio com estas proveitosas notas do estado moral e material do povo inglez, Ladislau Batalha não esqueceu de nos indicar tudo quanto alli viu de grandioso em arte, a vida nos parques, as docas, os banhos publicos emfim tudo quanto nos pode servir de ensinamento, de exemplo e de conselho.

Atravez do Reino Unido é um livro que deve ser lido não uma mas muitas vezes, por que tudo que n'elle se aprende é util, interessante e proveitoso.

Um par de botas de barca

POR

Ludwig Nötel

Um anno depois

(Continuado do numero antecedente)

O collega deve de estar lembrado, pelo menos contei-lh'o, em tempos, de que deixei a minha sumptuosa guarda-roupa, com a pressa com que me ausentei d'aqui, em poder d'aquella ingraticissima creatura, da directora Schröeder, infardando apenas, pelo facto de se acharem mais á mão, aquellas minhas botas á Cromwell, que mais tarde, em Helmstedt, passaram a ser propriedade do collega. E como se me tivesse varrido da memoria liquidar o resto dos meus ordenados, quando saí de Helmstedt, todo o meu dinheiro eram 5 thalers, que o meu caro collega—e affligeme ainda, quando de tal me lembro,—me deu por aquella obra prima da arte de sapateiro.

Cheguei, pois, a Aachem, possuidor apenas de uns meúdos, não me achando em circumstancias de comprar pantalonas de malha e quejandos accessorios, e muito menos de encommendar outro par de botas á Cromwell; uma timida tentativa no sentido de supprir por meio do credito as maiores urgencias, gorou de todo em todo, e vi-me obrigado a estabelecer relações com o director da guarda-roupa, sollicitando d'este um par de botas, e os indispensaveis artigos de vestuario. Não ignora o collega que a roupa branca, calças de meia, botas etc. etc., pela letra dos nossos contratos, ficam a cargo do artista, e que nos guarda-roupas dos directores não subsidiados esses objectos apenas são fornecidos aos coristas e comparsas.

Dava-se ali caso identico! E agora, ponha o collega na sua ideia a figura que eu apresentaria vestido para desempenhar o Karl Moor,—só lhe digo que era o proprio escandalo! Nunca soffri um vergonhaço assim! Tinham-me distribuido um par de botas—não imagina—eu quando me achei com aquelles canudos de fogão e me lembrei das minhas ricas botas, vendidas, assim, sem mais nem mais—pois deve de confessar que as apanhou por preço inquestionavelmente modico; mas deixemos isso para mais tarde, e agora, oiça:

—Logo no primeiro acto, tropecei na travessa de uma porta, de largas que me estavam aquelles monstros d'aquellas botas,—bailavam-me os pés lá dentro, como se não me pertencessem os taes pespêgos,—como de facto assim era, aliás. Parecer-lhe-á pois consequencia naturalissima de semelhante precalço a irritação manifestada pelo publico, ao antolhar-se lhe, assomando á porta, um Karl Moor, de braços desásados e olhos pregados no chão e no acto de emitir a frase: «Homens! homens! Crocodilos!—falsissima raça de hypocritas!—tropeçar, cambaleando, tendo que se agarrar ao primeiro mostrengo do primeiro comparsa que encontrou a geito, para não medir o chão com os costados:

Coincidia o ser domingo, para mais ajuda!—e a casa estar á cunha, e o haver-se apoderado do publico, já de si tão indifferente do domingo, contagiosa hilaridade. Em vão appellei para o peso do meu orgão collossal, debalde abri as valvulas á minha declamação tonitruante! Não imagina,

tremiam as proprias paredes! De que me serviu, o haver lançado na balança o precioso thesoiro do meu talento? O publico achava-se entregue de todo á mais indecente galhófa, e não havia meio de o cohibir. E sem embargo, no fim do acto fui chamado e applaudido com frenesi, tive que saír ao prescenio a agradecer, umas dez ou doze vezes, e ao recolher a bastidores no auge da commoção veiu ter comigo o director, rubro de ira, bradando-me, de modo tal, que pensei sumir-me pelo primeiro alçapão do palco:

— Pois não tem vergonha de accudir ás chamadas, seu grandissimo canastrão! não percebe que são applausos de chacóta?!

E que lhe parece? chamar-me *canastrão* semelhante alarve. O meu primeiro impulso foi despir-me e fugir a sete pés do theatro, falou porem mais alto o meu brio artistico, alem de de que, em presença de um tal desastre, haver-se-iam negado a pagar-me o meu estipendio, circumstancia altamente desagradavel, em lance critico para mim a tal ponto. Enguli pois, sabe Deus com que vontade, o *canastrão*, e resignado, disse comigo: Os bácoros que entenderão de perolas? enverguei, sereno, o meu trajo de salteador, trabalho alias superfluo, pois, graças á burjáca que me havia impingido o guarda-roupa, o meu aspecto exterior, durante o primeiro acto, podia muito bem pedir meças ao de um ladravaz da mais infima especie, e o segundo trajo, com aquella vestia calabrêsa á *Zampa*, assás garrida, e que tanto destoava das sordidas pantalonas de meia e das ainda mais lastimosas botas, chegava a meter dó! Que admira, pois, que o publico, á minha entrada no acto segundo, me acolhesse com as mais redondas gargalhadas! A minoria intelligente do publico applaudiu-me sinceramente, honra que agradeci com profunda vénia: acto de cortezia que me foi levado a mal pelos trocistas, visto como, acto continuo, vem estrugir-me os ouvidos uma salva de assobios!

Mas oiça o resto, oiça o mais que me succedeu. A scena inteira com Schufsterle e a immediata com o padre correram sem incidente, eu, de pé sobre o penhasco, com a mão direita amarrada ao tronco do carvalho, Buller e Schweitzer haviam-me já cortado os liames, e eu, saltara para o palco, proferindo as tão conhecidas palavras: «Agora, companheiros, sômos livres, sinto um exercito n'este meu pulso, etc, etc.» e, ora imagine, com o pulo, saltou-me fóra o tacão de uma bota, e com a força do salto despediu pelos ares e veiu cahir de chapa na orquestra, com um baque surdo, em cima dos timbales! Meu estimavel senhor Ludwig, presado collega, deve de suppor que o julgo dotado de um consideravel poder de imaginação, um delirio, porém, de hilaridade como aquelle que explodiu no auditorio, por mais rica que seja a sua fantasia, nunca será capaz de o imaginar. Mas, ainda não é tudo, vá ouvindo!

Desta vez, arrostei, sereno, com a tempestade, fitei o publico com os olhos escancarádos e na maxima paz de espirito aguardei que socegasse a hilaridade. A minha placidez, ao que parecia, logrou impôr respeito ao auditorio, e este, em todo o caso, aquiétou-se; soava um ou outro bravo, insulado, emittido, ironicamente, no manifesto intuito de prestar homenagem á minha estoica atitude. Em summa, restabelecêra-se o socego; e eu, ao emitir a celebre frase: «Ser livre ou morrer! não lograreis colher, a um só que seja, ás vossas mãos!» acentuei-a com energico movimento, eis que a desegualdade do meu pisar vem advertir-me de que ficára sem o tacão da bota, e como tal, obrigado a manquejar da mais comica maneira!

De subito, e inoportunamente, eis que desce, veloz, o panno, e em vez, porem, de me acudir a proposito, mascarando o effeito do meu lance desastrado—isso, sim!—fica suspenso e não quer descer nem por quanto há, até que o publico em pêso me vé coxear em toda a profundidade da scena!

Ergue-se de novo entre o publico um alarido capaz de abalar os nervos mais solidamente temperados—: Wüstenfeld! venha o Wüstenfeld!

— Pois sim, disse commigo, berrem para ahi! Wüstenfeld tem dignidade! não cae na asneira de voltar outra vez a servir de alvo ás vossas chufas!

Investe de novo commigo, fulo de raiva, o director é vocifera.

— Vá agradecer ao publico, seu palhaço de má morte! assim como assim, já agora acábe de enterrar o espectaculo! e pregou-me um tão valente empurrão, que me fez ir, não digo bem: coxear... de escantilhão pelo palco alem.

Explodiu, recrudescente, a hilaridade, eu, porem, frio e rigido, qual columna de marmore, aguardei immovel o descer do panno; voltou a impor-lhes respeito a minha serenidade, restabeleceu-se o socego, finalmente, e durante algum tempo, sequer ao menos, deixaram-me mais socegado.

D'esta feita, não lograria reter-me o meu offendido brio artistico, se acaso, em consequencia do modo indigno porque procedeu commigo o director, intentasse desamparar o estabelecimento.

Mas tal não succedeu, e deteve-me tão sómente o lembrar-me dos 25 thalers, representando o meu salario, deixei-me ficar e la me fui arrastando a pé coxinho até ao guarda roupa, com o sentido em pedir ao respectivo empregado que me desincantasse outro par de botas. — Julga, talvez, que o consegui? Era bem bom! Nem raça! Declarou-me o sujeito com a maxima serenidade de animo, que era coisa que não tinha!

— Essa é melhor! vociferei: Meteu-se-lhe, então, na cabeça, que eu vá expor-me outra vez a servir de risóta á humanidade em peso, durante tres actos enormes, representando, a pé-coxinho, e só com um tacão?

— Não julgo nem deixo de julgar, respondeu, com a maxima placidez, mas o que faço desde já é arrancar-lhe o outro tacão.

E sem me dar témpo para observações deitou mão de uma torquez e arrancou-me o outro tacão, diminuindo-me de uma polegada. Eu ardia em raiva, cá por dentro, mas fui dizendo com os meus botões, como a rapoza, quando lhe estavam a arrancar a pelle: isto é apenas um incidente! e como fosse sentindo tomar-me a garganta a rouquidão, o que sempre me acontece, toda a vez que me altero, mandei vir um gróg de conhaque, e imborquei-o de um trago.

O terceiro acto correu sem novidade de maior; recorda-se de que, para o actor, desempenhando o Karl Moor, é este o acto mais leve e mais commodo, a um tempo.

(Continúa). *M. Macedo.*

Pedagogia na Beira

AFRICA ORIENTAL

As irmãs missionarias de Maria formam uma congregação muito recente pois, data apenas de 1885; e foi fundada, especialmente, para se dedicar ao desenvolvimento das missões. E' na China onde ella se encontra mais florescente.

Em 1895, foram algumas d'essas Irmãs Missionarias para a Beira, contractadas pela Companhia de Moçambique para o serviço do Hospital Rainha D. Amelia.

Notando-se, porèm, que o desenvolvimento moral e intellectual da Beira, em contraste com o então assombroso desenvolvimento material, era tão sómente fomentado por uma unica escola para os dois sexos e em um acanhado edificio, além de improprio por ser tambem Capella, em pessimas condições hygienicas; as referidas Irmãs Missionarias, pois, desejando estender a sua actividade a mais do que ao serviço do Hospital, attendendo a que o elemento branco pela natural repugnancia que inspira a diversidade de cor, se retrahia da mencionada escola, abriram um collegio externato para creanças europeas.

Immensas foram as difficuldades com que ellas luctaram, por quanto, apenas 6 as contractadas pela Companhia de Moçambique e sendo estas insufficientes para o Hospital e para o collegio, tiveram de augmentar o numero com mais 4, sustentando estas á sua custa, além de pagarem a renda da casa onde se acha installado o collegio. E assim se tem mantido ha já tres annos:

Resolvidas hoje, porém, a construirem um edificio appropriado, onde, a par da instrucção que actualmente ministram, possam tambem ter uma *créche* e internatos para as meninas europeas e indigenas, separadamente, com todas as commodidades, ministrando-lhes, além da instrucção propria do seu sexo, o ensino das linguas ingleza e franceza, a musica, o canto, o piano &: mas carecendo de meios pecuniarios para levar á pratica uma tal ideia, lembraram-se de uma subscripção por toda a provincia de Moçambique, contando licitamente com a generosidade de todos, visto ser notoria a necessidade de um tal estabelecimento na Beira, ou ainda, em toda a colonia da Africa Oriental.

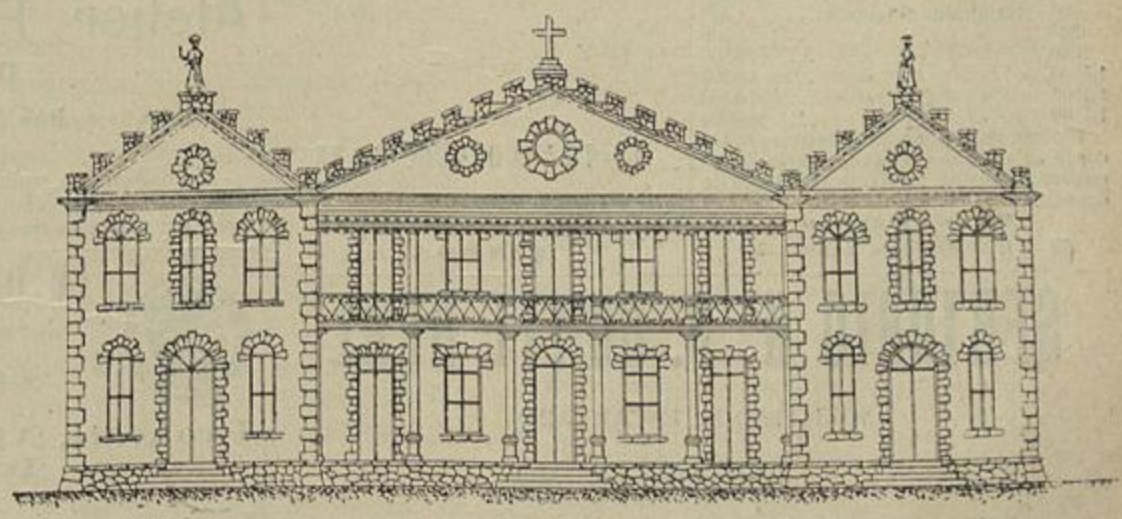
Sua Ex.ª Reverendissima o Sr. D. Autonio Moutinho, Prelado de Moçambique, que apoia e incita o emprehendimento, dignou-se abrir a subscripção concorrendo com a importancia de 100:000 réis.—

Percorrido o Sul da Provincia e o Transwal, sempre bem acolhida, a subscripção, aberta desde março ultimo, já somma a importancia de 620 libras. A Companhia Colonial de Buzi, contractada para o fornecimento de pedra, tijollo e cal, faz um importante e excepcional abatimento em todos estes materiaes, D'uma *Kermesse*, promovida na Beira, apurou-se a importancia de 130 libras, e isto não obstante a grave crise que essa terra está a atravessar, revelando-se, assim, mais uma vez, a generosidade e sympathia da sua população por taes instituições.

O edificio será construido nos talhões n.os 149 e 166 da planta da Beira, á margem da avenida D. Carlos, junto á praça Principe Real. Foram estes talhões concedidos, em 1900, pela Companhia de Moçambique quando governador dos territorios de Manica e Sofala o sr. Visconde de Meyrelles e a requerimento do sr.Bispo de Epiphania, então prelado de Moçambique, livres de quaesquer encargos pecuniarios.

O projecto do edificio foi gratuitamente feito e offerecido pelo digno Director das Obras Publicas na Beira, o distincto engenheiro sr. Carlos Roma Machado, cavalheiro de fino caracter e um dos infatigaveis obreiros para o progresso da Beira.

Ahi fica, pois, um esboço do movimento pedagogico na Beira, mau grado os detratores da nossa colonisação. E grato nos seria que o Governo de Sua Magestade, aliás largamente representado na Beira, tambem de alguma fórma auxiliasse esse sympathico movimento.



PROJECTO DE EDIFICIO DAS IRMÃS MISSIONARIAS DE MARIA, NA BEIRA

NECROLOGIA

DR. HYGINO DE SOUSA

No jornalismo e na sciencia manifestou seus talentos de par com os thesouros de seu coração bondoso.

Sahido da Escola Medica de Lisboa, aos 28 annos com cabedal de saber que poucos adquirem, feriu-o o lance afflicto que a patria passava e

levantou seu grito contra a affronta do *ultimatum* de 1890.

Fundou com outros academicos o jornal *Patria* e ali revelou seus dotes de jornalista, luctando vigorosamente com a penna durante alguns annos, mas Hygino foi pouco a pouco encontrando-se só e elle não puzera ponto nos estudos.

Deixou o jornal e entregou-se todo á sciencia. Foi para a Allemanha aperfeiçoar-se no estudo de doenças d'olhos, onde se distinguiu, e quando voltou estabeleceu uma consulta externa no Hospital de S. José, de opthtalmologia, não recebendo remuneração por esta consulta.

Não resumiu, porém, n'isto os seus estudos medicos.

Dotado de grande espirito de observação e raras qualidades de trabalho, methodico e bem orientado, devia ir mais longe nos seus serviços á sciencia e á humanidade.

Em 1901 foi ao concurso para lente substituto da secção medica da escola, sendo provido, defendendo these ácerca da *Iris*, n'um volume de 200 paginas.

A' regencia d'esta cadeira veio juntar-se o encargo da enfermaria que fôra de Sousa Martins, continuando sempre com a consulta sobre ophtalmologia, a que já nos referimos.

DR. HYGINO DE SOUSA

Domingos Hygino de Ponte e Sousa era natural de Barrancos, onde nasceu a 11 de janeiro de 1862, filho de André de Ponte e Sousa. Veio para Lisboa seguir seus estudos nas Escolas Polytechnica e Medica, onde concluio brilhantemente o curso, em 1890.

Falleceu de tuberculose intestinal, em Lisboa, no dia 27 de julho, ultimo, indo a noticia surprehender sua esposa a sr.ª D. Alice Pereira Caldas, em Dawos-Platz, onde estava acompanhando um filhinho que está a tratar-se de tuberculose.

Hygino de Sousa era socio da Sociedade de Sciencias Medicas, da Sociedade de Geographia, da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, fundador da Liga Nacional Contra a Tuberculose, secretario da Associação dos Medicos Portuguezes, etc.

Ficou em jazigo no cemiterio occidental, onde o acompanhou numeroso cortejo, discursando á beira do tumulo os srs. dr. Eduardo Motta, director da Escola Medica, Joaquim Evaristo, presidente da Associação dos Medicos, e Xavier da Silva, quintanista de medicina.

LOJA DO LOPES

(Socio-gerente que foi dos Armazens de S. Roque)

Armazem de Fazendas e Modas

LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — *LISBOA*

ARTIGOS DE RETROZEIRO

MODAS E ATELIER DE MODISTA

espartilhos barba direita, Modelo EVA HUMBERT

Fazem-se tambem de encommenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

Henrque Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS { Senhoras — ás 10 horas da manhã / Homens — ás 3 » da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

SELLOS

Compram-se sellos antigos e modernos, novos e usados de todas as nações, pagam-se sempre por muito maior preço que outra qualquer casa. Vende-se em pacotes todos differentes.

50	colonias estrangeiras....		250
100	»	»	700
150	»	»	1$400
200	»	»	2$000
300	»	»	4$200
400	»	»	5$500
500	»	»	19$000
200	estrangeiros differentes...		300
300	»	» ...	500
500	»	» ...	1$500
1$000	»	» ...	4$300
1$200	»	» ...	7$000
1$500	»	» ...	10$000

Vendem-se albuns, catalogos e sellos desde 50 a 100 réis o franco, fazem-se remessas á escolha, mediante abonações ou deposito.

Barbosa & Esteves

58 — Rua de Santo Antão — 60

Casa bancaria

JOSÉ HENRIQUES TOTTA

69, 71, RUA DO OURO, 69, 75

LISBOA

SERTORIO A. S. CORTE REAL

SOLICITADOR ENCARTADO

LISBOA — **Rua dos Retrozeiros, 149, 2.º**

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

DE

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor.ºdas def.º nasaes, clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio—Rua da Boa Vista, 164, 1.º

PASTOR, GOUVEIA & C.ª

Agencia geral no Brazil do

Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

161, Rua dos Ourives — RIO DE JANEIRO

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

N.º telephonico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal